

## AMANTES E CÚMPLICES: ABORDANDO QUESTÕES DE SEXUALIDADE NOS CAPÍTULOS DE LIA EM AS MENINAS

---

### *Lovers and Accomplices: Analysing the Approaches to Sexuality in the Chapters of Lia in the Novel As Meninas*

DOI: 10.14393/LL63-v38-2022-12

Gabriela Pirotti Pereira\*

Rosana Ruas Machado Gomes\*\*

---

RESUMO: A presente análise propõe uma leitura sobre a homossexualidade feminina e como o tema é apresentado no romance *As meninas*, de Lygia Fagundes Telles. Este trabalho pretende debater questões de gênero e sexualidade sob a teoria de Judith Butler, discutindo também os conceitos de identidade e diferença. O estudo reflete sobre o silenciamento das identidades lésbicas, bissexuais – e outras – e discorre sobre como o tema é inserido na narrativa, tendo em vista o contexto de sua publicação durante a ditadura militar no Brasil. A partir dos tópicos analisados, pode-se considerar que a narradora Lia demonstra uma série de conflitos pessoais; embora busque construir sua identidade por meio da diferença ao rejeitar padrões de feminilidade e sustente ideias libertárias em sua militância de esquerda, Lia rejeita qualquer sugestão de que ela poderia não ser heterossexual – o que pode exemplificar a força do discurso normativo sobre o indivíduo.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos de gênero. Literatura brasileira. Lygia Fagundes Telles. *As meninas*. Sexualidade.

ABSTRACT: The present analysis proposes a reading on female homosexuality and on how it is presented in Lygia Fagundes Telles's novel *As meninas*. This article seeks to debate gender and sexuality under the theory of Judith Butler. It also aims at discussing the concepts of identity and difference. This study reflects on the silencing of lesbian, bisexual, and other sexual identities, and elaborates on how those themes are inserted within the narrative, considering the context of publication of the novel during the military dictatorship instituted in Brazil from 1964 to 1985. The analysis suggests that the narrator Lia expresses a series of personal conflicts; even though she seeks to build her identity through difference in denying femininity standards and holds the libertarian ideals from her leftist activism, Lia rejects any possibility that she might not be heterosexual – which might exemplify the influence of normative discourse over the individual.

KEYWORDS: Gender studies. Brazillian Literature. Lygia Fagundes Telles. *As meninas*. Sexuality.

---

---

\* Mestra e doutoranda pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). ORCID: 0000-0002-9982-977X.  
E-mail: gabrielapirottp(AT)gmail.com

\*\* Mestra e doutoranda pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). ORCID: 0000-0002-1104-0863.  
E-mail: rosana.rmg(AT)gmail.com

## 1 Introdução

A extensa bibliografia existente acerca do romance *As meninas*, de Lygia Fagundes Telles, com frequência discute como as temáticas de sexualidade, feminismo, e as personagens femininas são abordadas nesta obra. No entanto, observa-se uma ausência de trabalhos que se detenham a um estudo aprofundado da representação da homossexualidade feminina dentro desta narrativa. É desta constatação que parte o presente artigo: pretende-se abordar, no decorrer desta análise, a relação da personagem narradora Lia com Carla, sua amiga e objeto de interesse amoroso, durante a adolescência. Os trechos que fazem referência às interações destas personagens se encontram brevemente inseridos do meio para o final da narrativa, entrecortados pelo enredo que impulsiona Lia: a militância contra a ditadura e seus esforços para libertar o atual namorado, Miguel, da prisão. Talvez por se encontrar envolta por tantos outros diálogos e acontecimentos, e por se apresentar de forma tão passageira, a representação da homossexualidade feminina em *As meninas* parece não receber grande atenção da crítica. Tal ausência também é um ponto que se pretende debater e questionar durante este estudo.

A fim de melhor discutir os tópicos apresentados, esta análise aborda os estudos sobre gênero e sexualidade de Judith Butler e de Ochy Curiel como suporte teórico. A metodologia aplicada também conta com uma revisão bibliográfica de diversos artigos acadêmicos acerca da obra de Lygia Fagundes Telles, buscando estabelecer diálogo com a fortuna crítica já desenvolvida sobre dos romances desta autora. Com o apoio dos textos citados, busca-se compreender como Telles constrói a personagem Lia, como suas experiências não heterossexuais são narradas e também como estes momentos são inseridos na narrativa.

O romance *As meninas* foi publicado em 1973 durante o regime ditatorial militar que se instituiu no Brasil de 1964 a 1985. Apesar da censura imposta sobre qualquer manifestação cultural produzida durante este período, a obra de Lygia Fagundes Telles aborda a sexualidade feminina, a homossexualidade, a militância política, a desigualdade social e abuso sexual sob o olhar de suas narradoras: Lorena, Lia e Ana Clara. As três jovens são universitárias e moram em um pensionato coordenado por freiras; cada uma expressa ansiedades e reflexões específicas, demonstrando também que possuem experiências de vida marcadas por diferentes classes sociais. Lorena é a personagem de classe mais abastada: preocupada com valores tradicionais, ela devaneia sobre romance, sexo e casamento. Ana Clara, cuja narração é a mais conturbada,

lida com um noivado indesejado, drogas, amantes e memórias traumáticas de sua infância. Já Lia é reconhecida como a mais engajada politicamente das três; ela estuda Ciências Sociais e é militante junto a um grupo de esquerda. As diferenças entre estas personagens já foram amplamente exploradas pela crítica, notando suas particularidades; na seção a seguir, este estudo busca se aprofundar na análise da narração de Lia.

## 2 “Um amor profundo e triste”: a narração de Lia sobre Carla

Vista como combativa e desafiadora, Lia é frequentemente lida como a protagonista menos tradicionalmente feminina de *As meninas*. Nesta seção, busca-se lançar um olhar mais atento sobre esta personagem a fim de compreender sua caracterização e explorar como suas experiências afetivas são narradas. Além disso, pretende-se explorar teorias a respeito de identidade e diferença, focando principalmente nas questões de gênero e sexualidade.

Lia de Melo Schultz, cujo nome completo remete à sua ascendência parte brasileira e parte alemã (com uma mãe baiana e um pai alemão, ex-nazista), é a narradora com o menor número de capítulos na narrativa. Além de breves, os capítulos focalizados nesta personagem estão inseridos no meio do romance – tornando-os quase escondidos entre os trechos de abertura e encerramento de Lorena e os eventos conturbados da história de Ana Clara. Nestas passagens, são descritos alguns mecanismos autoritários do governo ditatorial, como torturas e prisões políticas. Também é pela focalização de Lia que o romance descreve estratégias de resistência e oposição ao sistema; esta organização dispersa do texto permitiu que tais temas passassem despercebidos aos censores da ditadura na época em que o romance foi publicado.

Ao longo da narrativa, Lia se confronta com a prisão política de seu namorado Miguel, com a luta armada de seu grupo estudantil contra a ditadura militar e com a distância de classes entre ela e a colega Lorena. Estes eventos movem a personagem, fazem surgir suas angústias e conflitos internos, e, por fim, levam-na a fugir do Brasil para refugiar-se na Argélia. Em dois momentos, envoltos por outros eventos do enredo, a narradora menciona Carla. Por vezes apontados como um dos “amores platônicos e ambíguos entre mulheres” (GOMES, 2014, p. 95) presentes na obra de Telles, a narração de Lia sobre Carla já foi descrito como uma “delicada relação [...] com uma amiga em sua juventude” (idem). É esta, dentre outras afirmações presentes da crítica de Telles, que este artigo busca debater: os estudos sobre *As meninas* circulam a questão da homossexualidade, raramente se debruçando sobre o tema como um assunto relevante para a obra.

Em sua análise sobre os conflitos do indivíduo na obra de Telles, Deurilene Souza de Silva descreve Lia como alguém de “personalidade forte” (2008, p. 69), que é racional e consciente dos conflitos e injustiças sociais de seu país e seu tempo. Ao debater sobre esta personagem, a crítica com frequência aponta para o seu papel como militante de esquerda, e Silva (2008) demonstra que esta é a imagem que Lia busca projetar aos outros personagens à sua volta. Sobre tal imagem construída, Silva (2008) explica,

Neste ideal de liberdade, andar de sandálias corroídas, meias caindo ao tornozelo, mochilas nas costas, dentre tantas outras opções feitas em função da sua militância, Lia poderia e deveria sentir-se realizada por viver em função de sua escolha. No entanto, o drama interior da personagem instaura-se a partir do momento em que não se sente bem em lugar nenhum. A casa de seus pais não é mais a sua casa, também não será o pensionato, se sente insegura. Foge da ideia de casamento para cumprir um papel social, interesse manifestado por seus pais para que ela construísse sua família. (SILVA, 2008, p. 69)

No entanto, a análise de Silva (2008) também leva em conta as contradições expressadas pela narradora, que por vezes demonstra posições que poderiam ser consideradas conservadoras em meio a seu discurso majoritariamente progressivo. Uma interpretação similar é apresentada no estudo de Maria Lucilvânia da Silva Bernardino, no qual são analisadas as três protagonistas de *As meninas*; a autora aponta que Lia “sonha em construir uma vida familiar com seu namorado, escreve um livro romântico, defende o celibato dos padres e condena o uso de drogas” (BERNARDINO, 2020, p. 25). Desta forma, Lygia Fagundes Telles desenvolve uma personagem com contradições pessoais claramente demarcadas. Lia demonstra preocupação em construir uma imagem para si, e associa sua identidade a uma série de elementos discursivos que ela busca encarnar.

No entanto, vale notar que estas leituras são estabelecidas a partir de binarismos construídos discursivamente sobre gênero; Silva (2008, p. 72) descreve o momento de reflexão de Lia sobre o desejo de ser mãe como um momento de “extrema sensibilidade feminina”. Tais análises refletem os estudos críticos de Judith Butler sobre a construção social de sexo e gênero; a teórica escreve que “não há como recorrer a um corpo que já não tenha sido sempre interpretado por meio de significados culturais” (BUTLER, 2003, p. 27). Isto é, a forma como esta personagem é lida pela crítica remete a uma série de elaborações discursivas, que são

expressas também pela narrativa, e que apresentam Lia como a personagem mais desajustada em relação ao padrão de feminilidade socialmente estabelecido.

Sob a perspectiva da narradora Lorena, “Lião” – como é apelidada pelas colegas – carrega “malonas” (TELLES, 2003, p. 61) e calça “sapatões” (TELLES, 2003, p. 21); nestas instâncias, o uso do aumentativo parece denotar a falta de delicadeza e sutileza, contrariando a construção normativa de gênero. Portanto, Lia não é vista – nem pela crítica nem por outros personagens do romance – como “feminina” quando é combativa, ou pragmática; porém, esta imagem é projetada pela própria personagem-narradora, na tentativa de dissociar-se dos valores burgueses tradicionais. Os conflitos demonstrados por Lia e a aparente contradição entre suas ações e seus sentimentos ecoam a noção de Butler (2003) sobre a construção do gênero, que se dá a partir de uma série de relações entre sujeitos e a sociedade:

Este ponto de vista relacional ou contextual sugere o que a pessoa “é” – e a rigor, o que o gênero “é” – refere-se sempre às relações construídas em que ela é determinada. Como fenômeno inconstante e contextual, o gênero não denota um substantivo, mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes. (2003, p. 29)

Sob esta perspectiva, é possível argumentar que Telles constrói uma personagem que é, ao menos em certo nível, consciente dos processos pelos quais a sua identidade é elaborada perante a sociedade que a cerca; por isso, buscando apresentar-se como revolucionária, Lia rejeita seus desejos e pensamentos que poderiam associá-la a comportamentos tradicionalmente definidos como femininos. No entanto, os elementos que compõem sua subjetividade não são inerentemente contraditórios – sua atuação política e seus planos de casar e ter filhos coexistem, e podem coexistir. A partir destas análises, pode-se concluir que o confronto que se apresenta em Lia é um problema com a própria concepção de identidade; como aponta Butler (2003) “identidade” é em si um ideal normativo, que constitui uma prática discursiva reguladora. Os elementos que demarcam identidade não provêm do indivíduo, mas de suas relações com os outros, e do discurso, que pretende classificar e segregar.

Como aponta Tomaz Tadeu da Silva (2000), as concepções de identidade e diferença são socialmente produzidas por meio do discurso e estão em constante manutenção; o autor discute que quando consideramos “identidade” como ponto de referência, tudo aquilo que se encara como “diferença” acaba por ser marginalizado; a tendência é, então, “tomar aquilo que

somos como sendo a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos” (SILVA, 2000, p. 76). Lia se destaca das outras duas narradoras pelo seu engajamento político, do qual a subversão da performance de gênero também faz parte; desta forma, a noção de “diferença” é estabelecida no romance.

Levando em consideração a análise desenvolvida até o presente ponto, nos voltamos para a narração de Lia sobre seu relacionamento com Carla. Ao conversar com um amigo e colega de movimento de esquerda sobre amor, a narradora retoma um acontecimento de sua adolescência no qual brincava com uma amiga assumindo um nome masculino para fingir que eram um casal. A brincadeira se desenvolve em uma relação amorosa, na qual ambas demonstram sentimentos e afeto uma pela outra. As jovens apenas se separam sob a ameaça de exposição e controle de suas famílias. Lia descreve:

Trocávamos bilhetes de amor, ela ficou sendo Ofélia e eu era Richard, de olhos verdes e um certo escárnio no olhar, ô! como ela sofria com esse escárnio. Mas era preciso um pouco de sofrimento. Não sei bem quando o nome de Richard foi desaparecendo e ficou o meu. Acho que foi numa noite, botei um disco sentimental e tirei-a para dançar, Me dá o prazer? Saímos rindo e enquanto a gente rodopiava qualquer coisa foi mudando, ficamos sérias, tão sérias. Éramos demais envergonhadas, entende? Nos abraçávamos e nos beijávamos com tanto medo. Chorávamos de medo. (TELLES, 2009, p. 129-130)

Ao demonstrar que a atração por outra menina começou com uma performance do curso normalizado de que deveriam se apaixonar por homens, a narração de Lia aponta para o que Butler (2003) chama de “heterossexualidade compulsória”; para a filósofa, este termo compreende as práticas reguladoras que sugerem relações causais entre gênero, sexo, prática sexual e desejo. A teórica argumenta que a sexualidade das mulheres é perpassada por relações de poder – porém, Judith Butler também explora quais seriam as possibilidades viáveis para deslocar e ressignificar esta estrutura discursiva. As práticas e relacionamentos heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e outras) carregam em si incoerências que perturbam o binarismo feminino/masculino; como Butler (2003, p. 58) descreve, “se as ficções reguladoras do sexo e gênero são, elas próprias, lugares de significado multiplamente contestado, então a própria multiplicidade de sua construção oferece a possibilidade de uma ruptura de sua postulação unívoca”.

Tais relações de poder e práticas reguladoras referem-se a elementos culturais, políticos e constitucionais – por exemplo, as instituições de família e casamento. A teórica feminista Ochy Curiel (2013) entende a heterossexualidade como um regime político fundamentado na construção da diferença sexual. No romance de Telles, a força destas instituições é fundamental para a trajetória de cada narradora; como previamente apontado, apesar de seus estudos e sua militância, Lia ainda é movida por ideais sustentados em princípios que são, ultimamente, ferramentas de controle da sexualidade (como sua defesa do celibato dos padres). Esta influência se manifesta novamente em sua narração sobre o amor que sentiu por Carla:

E eu tinha vontade de saber como era pra poder escolher. Escolhi. Mas quando lembro, ah, por que as pessoas interferem tanto? Ninguém sabe de nada e fica falando. Fazendo julgamento, tem juiz demais. Uma noite ela me telefonou em prantos, a família estava a fim de fazer um escândalo, eu tinha que sumir, quer dizer, aparecer na pele de um namorado. [...] Mentimos tanto em função dos outros que nos contaminamos com as mentiras. Não éramos amantes mas cúmplices. Ficamos cerimoniosas. Desconfiadas. O jogo perdeu a graça, ficou amargo. Do namorado de mentira ela passou pra um de verdade. Do meu lado, deixei-me cortejar por um primo, falou-se em noivado. (TELLES, 2009, p. 130-131)

A análise de Alexandro Lino da Costa sobre a constituição das identidades das narradoras em *As meninas* também aponta para como as práticas reguladoras da sociedade agem sobre estas figuras. O autor defende que as três personagens apresentam identidades fragmentadas; a partir das teorias de Stuart Hall, que defendem que a identidade é construída de maneira múltipla e incorporam diferentes aspectos da relação do indivíduo com a sociedade, Costa (2015) debate Lia, Lorena e Ana Clara em seus diferentes contextos, explorando a fragmentação dos sujeitos perpassados por múltiplas perspectivas.

Como mencionado previamente neste texto, a constituição de cada uma das estudantes é relacionada à sua situação econômica e familiar; o romance de Telles não se detém em questões raciais, que também são relevantes para a construção de identidade – porém, permanecem silenciadas nesta obra. Quanto ao aspecto da sexualidade, é interessante notar que a narradora Lia expressa como seus desejos e práticas são perpassados por dispositivos reguladores: ela declara que “meu pai percebeu tudo e ficou calado. Minha mãe teve suas adivinhações e ficou em pânico, queria me casar urgente com o primo” (TELLES, 2009, p. 131). Considerando estes trechos, Costa (2015) nota:

É a sociedade – por meio da família – que induz a um padrão identitário, o qual Lia vê-se compelida a adotar. A coação do outro envenena seu amor adolescente, que vai se contaminando até que, de tão acuado, míngua. A imposição de um casamento provoca o exílio, fazendo-a deixar a Bahia e ir para São Paulo, de onde relembra seus tempos em que sua identidade sexual era outra. Seu “escolhi” parece ter sido um “escolheram por mim”. (2015, p. 64)

As relações homoafetivas apresentam-se para Lia como impossibilidades, algo a ser mantido em segredo. A declaração tácita de que amar outra menina constituiria um “crime” sempre esteve presente no relacionamento de Lia e Carla, e esta perspectiva é reforçada quando a descoberta pelas famílias leva à separação das duas. Tendo em vista esta discussão, retorna-se à teorização de Judith Butler em seu livro *Corpos que Importam*; em sua análise do poder e como as relações lésbicas podem tanto reforçar quanto subverter o discurso predominante, a teórica menciona os construtos homofóbicos e misóginos que sustentam a “insuperabilidade da heterossexualidade e constitui o lesbianismo como um esforço vão e/ou patético de mimetização da coisa real” (BUTLER, 2019, [n. p.]). Tendo em vista estes aspectos, a seção seguinte deste artigo busca uma discussão mais aprofundada dos silêncios em *As meninas*, tanto aqueles relacionados ao contexto de publicação da obra e aqueles oriundos dos esforços discursivos para silenciar e excluir a sexualidade das mulheres e os relacionamentos entre mulheres.

### 3 “Nosso segredo como um roubo, um crime”: os silêncios no contexto da Ditadura

Nesta seção pretende-se debater o contexto histórico que perpassa o romance, buscando compreender como este contribui para a construção dos silêncios e lacunas dentro da obra – e particularmente, como isso se aplica à relação de Lia e Carla. Também se dará continuação ao debate desenvolvido na seção anterior acerca do apagamento de relacionamentos entre mulheres, e a relação deste silenciamento com a manutenção dos discursos reguladores.

Delegada ao lugar do Outro no sistema binário de identidade e diferença, a figura da mulher é com frequência apagada da literatura e da história. Butler (2003, p. 28) argumenta que “numa linguagem difusamente masculinista, uma linguagem falocêntrica, as mulheres constituem o *irrepresentável*. Em outras palavras, as mulheres representam o sexo que não pode ser pensado, uma ausência e opacidade linguísticas”. Desta forma, os relacionamentos



entre mulheres se tornam ainda mais obscuras e indefiníveis em termos linguísticos; a existência destas mulheres e suas vidas são apagadas, ignoradas e mantidas em segredo.

O discurso heterossexista, como descrito por Butler (2019), emprega esforços para invalidar as identidades lésbicas, bissexuais e outras neste espectro declarando as relações entre mulheres como cópias falhas do “real”. Estes esforços são discutidos também por Karoline Alves Leite e Rita Barbosa de Oliveira (2019) em seu artigo sobre o livro *Amora*, de Natalia Polesso; o estudo analisa as relações homoafetivas apresentadas pelos contos em *Amora* e também por outras obras da literatura brasileira, incluindo *As meninas* e *Ciranda de Pedra*, de Lygia Fagundes Telles. Leite e Barbosa (2019) debatem como o silenciamento da mulher ao longo da história se reflete no apagamento dos relacionamentos entre mulheres, e argumentam que “a existência das lésbicas desapareceu dos discursos por contrariar, desestabilizar, a hegemonia heterossexual, na medida em que o amor e o sexo entre as mulheres significa a perda de poder para o mundo patriarcal” (LEITE; BARBOSA, 2019, p. 102).

Embora Butler (2019) argumente que relações amorosas entre mulheres também estão inseridas no discurso falocêntrico e não podem ser completamente apartadas de suas implicações simbólicas, é possível observar que as existências de mulheres não heterossexuais, em suas especificidades, ainda são rejeitadas pela sociedade, pela literatura e pela crítica. A narração de Lia também é analisada sob perspectivas que circulam, e por vezes até negam, o desejo e afeto entre as jovens:

Mais uma vez, percebemos que Lia buscava experienciar o que tinha vontade e lhe interessava. Ela se permitia viver seus desejos e transgredir conceitos. No decorrer da narrativa, sabemos que ela tem um namorado, logo, sua escolha reforça que para ela, o mais importante, é a concretização de liberdade que as mulheres buscam ter numa sociedade machista em que apenas os homens podem desfrutar dessa liberdade sem julgamentos, e, não uma mudança na orientação sexual. (BERNARDINO, 2020, p. 31)

A colocação acerca do relacionamento entre Lia e Carla não resultar em uma alteração da sexualidade da narradora é passível de questionamento e revisão; as implicações desta afirmação podem reforçar o discurso de que a heterossexualidade seria o “normal”, delegando todas as outras experiências ao campo da “diferença”. Nas palavras de Tomaz Tadeu da Silva (2000, p. 83), “a força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como *uma* identidade, mas simplesmente como *a* identidade” – portanto, a sugestão de que Lia escolhe namorar um homem por uma inclinação natural, da qual o relacionamento com Carla poderia

ser ou não um “desvio”, reforça a construção da heterossexualidade como estado primário do indivíduo.

Parece importante notar que a narração de Lia expressa atração e afeto por outra mulher em um momento posterior à menção de Carla. A sua “escolha” – tão interpelada por restrições sociais – não necessariamente inviabiliza o surgimento do desejo. Novamente em uma brincadeira, Lorena sobe nos pés de Lia enquanto caminham pelo pensionato e a proximidade desperta na narradora a atração pela colega; Lia expressa este sentimento emergente evocando a memória de Carla, o que aponta para uma das facetas e possíveis significados do “amor” mencionado por Lia como o amor romântico e sexual:

E inesperadamente deu-me as costas e subiu nos meus pés, “Me leva!”. Agarro-a pela cintura e coladas e lentas vamos indo, xifópagas pela alameda, ela me guiando porque com sua cabeça na frente da minha não vejo o caminho. Leve como o perfume de sabonete que sinto nos seus cabelos recém-lavados. Agora eles me cobrem a cara como um lenço aberto no vento. Penso em Carla, por que penso em Carla? Aperto-a mais. Ela ri, sente cócegas. A gente se ama, sim, a gente se ama, isto é amor. (TELLES, 2009, p. 66)

O trecho acima parece sugerir que a homossexualidade não está no passado de Lia e não se restringiu ao relacionamento com Carla; a narradora se pergunta por que estas lembranças retornam com o contato com Lorena, o que sugere que ela não consegue – ou não está disposta a – reconhecer o que seus sentimentos implicam. Tal recusa é oriunda da construção discursiva que coloca a heterossexualidade como a identidade “normal”.

O discurso da heterossexualidade normativa está conectado a diversas estratégias reguladoras que contribuem para o apagamento das identidades lésbicas, bissexuais e outras. Algumas destas estratégias são originadas, de acordo com Leite e Barbosa (2019), principalmente em uma concepção de sexo baseada no falo (neste caso, materializado pelo pênis; e em outros, simbolizado pelo poder, pelo privilégio, pela dominância), e em uma sexualidade voltada apenas à reprodução. As autoras reforçam que “para o poder, a prática sexual que transgride a norma deve ser eliminada ou silenciada” (LEITE; BARBOSA, 2019, p. 104). Lia, sempre imersa no discurso da heterossexualidade normativa e do gênero, censura o próprio desejo desde seus primeiros indícios. A sua narração salienta: “foi um amor profundo e triste, a gente sabia que se desconfiassem íamos sofrer mais. Então era preciso esconder nosso segredo como um roubo, um crime. Tanto susto” (TELLES, 2009, p. 130).

Apesar de seus desejos e memórias reprimidas, Lia sustenta os ideais libertários de sua militância; quando questionada pela mãe de Lorena sobre a suposta falta de interesse da filha em sexo – uma pergunta carregada de temor de que isso poderia sugerir homossexualidade –, Lia rebate apontando a homofobia do comentário e defende, como em trechos anteriores, que a comunidade interfere e julga demais as relações entre os indivíduos. Ela declara: “olha aí a crueldade máxima, a mãe ficar se preocupando se o filho ou a filha é homossexual. [...] Um preconceito tão odioso quanto o racial ou religioso.” (TELLES, 2009, p. 237-238). Ainda que condene o preconceito nos outros, Lia continuamente demonstra dificuldade em compreender a própria atração por outras mulheres e tenta desvincular-se do rótulo de lésbica. A mãe de Lorena volta sua curiosidade para Lia e pergunta se a jovem ama alguém, a resposta que a narradora produz é simplesmente: “Não tem problema comigo, entende? Tenho um amante, ele precisa de mim e eu dele” (TELLES, 2009, p. 238). Como argumenta Adriana Mattoso Rodrigues (2010) em sua análise a respeito da sexualidade em *As meninas*, Lia tenta afastar de si a “ameaça” da homossexualidade de qualquer maneira; Rodrigues (2010) aponta que seu esforço em dissociar-se desta identidade é tanto que Lia cede aos desejos de Miguel de não ter filhos, resigna-se a um casamento não convencional e até ao exílio.

Para além dos silenciamentos que ocorrem no desenvolvimento da personagem, sustentados pelas instituições reguladoras do discurso, o contexto de publicação do romance contribui para a forma como as relações homossexuais são trabalhadas na narrativa. Janiele de Aragão e José Edilson de Amorin (2020) debatem a influência da censura na estrutura do romance *As meninas*; em seu artigo, os autores discorrem sobre o período da Ditadura Militar no Brasil, e apontam que “a censura imposta pelo militarismo e as tentativas de uma espécie de queima de arquivos que não favorecessem ao governo fizeram com que historiadores e jornalistas travassem uma batalha para resgatar memórias individuais e coletivas” (ARAGÃO; AMORIN, 2020, p. 68719). De acordo com os autores, o romance de Telles e outras obras literárias carregam arquivos e memórias da ditadura.

Esta preposição também é sustentada por Eurídice Figueiredo no livro *A Literatura Como Arquivo da Ditadura Brasileira*, no qual a autora descreve o trabalho dos jornalistas em arquivos na tentativa de resgatar e preservar as memórias deste período da história do Brasil. Apesar destes esforços, “o país ainda está aguardando que as Forças Armadas liberem os arquivos secretos em seu poder e façam um pedido formal de desculpas pela tortura e morte de pessoas, realizadas em dependências militares, oficiais ou clandestinas” (FIGUEIREDO, 2017,

p.20). Na obra de Lygia Fagundes Telles, a memória transparece nos relatos de práticas de tortura utilizadas pelos militares em presos políticos, e também por meios sutis que permeiam todo o enredo – a prisão de Miguel e as estratégias de resistência de Lia, a infância conturbada de Ana Clara, o conservadorismo de Lorena e seu consumo exclusivo das culturas norte-americana e europeia. A estrutura da narrativa é fragmentada, com diferentes vozes e uma organização que nem sempre segue a cronologia dos eventos. Isso se reflete também na construção das narradoras por meio de seus conflitos e de suas identidades múltiplas; como apontam Aragão e Amorin (2020, p. 68728), “não há solidez, não há espaço de conforto para ninguém em um período autoritário”.

A fragmentação das identidades das narradoras, como defende Costa (2015), ameaça as convenções coletivas; suas histórias quebram o silêncio sobre os eventos obscurecidos da ditadura, e a estrutura da narrativa faz com o que aquilo que não é dito, aquilo que é sugerido, seja uma presença impactante para a história. As instâncias em que o relacionamento entre Lia e Carla é mencionado são breves: dos 12 capítulos que compõem o romance, Carla é citada em apenas dois, nos capítulos 6 e 7. É como se este relato estivesse escondido no meio do livro, atrás dos capítulos narrados por Lorena e Ana Clara, nos quais o tom e a temática são diferentes – com divagações sobre relacionamentos e memórias conturbadas, respectivamente. Para além da estrutura narrativa que contribuiu para que o romance se desvencilhasse da censura imposta pela ditadura, os personagens do romance parecem abordar a homossexualidade como algo a ser mantido a certa distância, algo que pode ser concretizado apenas em segredo.

#### 4 Considerações finais

Tendo em vista os trechos do romance analisados e as teorias apresentadas, este trabalho buscou debater como a sexualidade e as relações homoafetivas entre mulheres são elaboradas em *As meninas*. A personagem narradora Lia demonstra uma fragmentação em sua identidade, apresentando com frequência uma série de conflitos entre seus desejos, sua ideologia e a imagem de si que deseja projetar aos outros. A partir das teorias de Judith Butler sobre gênero e sexualidade, pode-se concluir que a construção da personagem analisada exemplifica a constituição complexa da identidade, que se dá a partir de uma série de relações e restrições sociais. Em tal sistema discursivo da identidade e da diferença, o “ser” é definido por todas as outras coisas que este “não é”, sendo construídos de forma codependente. Lia é

percebida, tanto pela crítica como por outros personagens no romance, como a mais “diferente” dentre as meninas, e é possível argumentar que tal perspectiva é gerada pelos esforços de Lia em apresentar-se desta forma: como alguém que rejeita paradigmas de feminilidade e os valores da burguesia.

Ainda que busque se definir pela diferença, Lia se confronta com desejos e pensamentos que são desconfortáveis e contradizem o que ela busca construir para si. Dentre eles, a atração e amor por outras mulheres parece ser um dos mais presentes. Apesar de buscar a “diferença” em tantos outros aspectos – contra os ideais burgueses de Lorena – Lia busca se afirmar como heterossexual para as pessoas à sua volta. Apesar de Lia expressar sua rejeição à homofobia, ela afasta qualquer desejo por outras mulheres que possa vir a sentir, e veementemente nega qualquer inquérito de outros personagens acerca de sua sexualidade. Este aspecto parece demonstrar como as normas e restrições discursivas interpelam o indivíduo – fazendo com que a narradora tenha medo de se reconhecer e ser reconhecida pela “diferença” de sua sexualidade.

A narrativa de Lia também pode exemplificar como se dá o silenciamento das identidades das mulheres lésbicas ou bissexuais; a construção da heterossexualidade normativa condena estas existências à marginalidade e ao segredo. Isso emerge na história de Lia quando a narradora expressa que desde jovem já compreendia que, caso seu namoro com Carla fosse exposto, ambas sofreriam represálias – e seus medos são confirmados, resultando na separação do casal. A ação reguladora do discurso e do poder relegam apenas características negativas àquilo que contraria e ameaça a “identidade”, e isso se expressa nos pensamentos e vozes de todas as narradoras do romance em algum ponto. No mais, a elaboração da narradora que declara Lia e Carla como “amantes e cúmplices” expressa que, para elas, não houve outra opção senão manter seu amor em segredo – como se fossem cúmplices em um crime. No entanto, pode-se almejar que esta cumplicidade se desenvolva também em um senso de comunidade, que acolhe e fortalece.

O posicionamento da narrativa de Lia sobre Carla dentro da obra é outro aspecto que demonstra como estas identidades são apagadas; a fim de escapar à censura, os relatos e menções a relacionamentos homossexuais estão inseridos nas páginas centrais do livro, mencionadas em curtas passagens. Os registros sobre narrativas de mulheres e sexualidades que contradigam a normatização do discurso ainda são, com frequência, escondidos e apagados. O silêncio da crítica também parece apontar para um discurso de poder que busca

anular estas existências; parece existir certa relutância da bibliografia acerca de *As meninas* em reconhecer e abordar o relacionamento de Lia e Carla.

É possível que a ausência de trabalhos que se detenham neste aspecto em particular se deva à brevidade do relato. No entanto, pode-se argumentar que a crítica não está apartada do discurso que profere a heterossexualidade como a única identidade possível – e consequentemente delega à homossexualidade ao lugar do Outro, com diversas implicações negativas. Este artigo buscou compreender e analisar a abordagem de relações homossexuais entre mulheres em *As meninas*, em uma tentativa de quebrar os silêncios na literatura e na crítica a respeito desta obra.

## Referências

ARAGÃO, Janile Simony Rodrigues Badeira de; AMORIM, José Edilson de. Estilhaços da ditadura e de identidades em *As Meninas*, de Lygia Fagundes Telles. **Brazilian Journal Of Development**, [s.l.], v. 6, n. 9, p. 68717-68731, set. 2020. <http://dx.doi.org/10.34117/bjdv6n9-351>.

BERNARDINO, Maria Lucilvânia da Silva. **Uma análise da construção das protagonistas do romance *As meninas* - Lygia Fagundes Telles**. 2020. 38 f. TCC (Graduação em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/17609/1/MLSB.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão de identidade**. Tradução de Renato Aguiar. São Paulo: Editora Civilização brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”**. Tradução de Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: Crocodilo Edições, 2019.

COSTA, Alexsandro Lino da. **Não identidade em *As meninas*, de Lygia Fagundes Telles**. 2015. 96 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015. Disponível em: [https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/23044/1/AlexsandroLinoDaCosta\\_DISSERT..pdf](https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/23044/1/AlexsandroLinoDaCosta_DISSERT..pdf). Acesso em: 16 nov. 2020.

CURIEL, Ochy. **La nación heterosexual: análisis del discurso jurídico y el régimen heterosexual desde la antropología de la dominación**. Bogotá: Brecha Lésbica y em La Frontera, 2013.

FIGUEIREDO, Eurídice. Os arquivos do mal: memória, esquecimento e perdão. *In*: FIGUEIREDO, Eurídice. **A Literatura como arquivo da ditadura brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017. p. 13-40.

GOMES, Carlos Magno. A homoafetividade feminina em Lygia Fagundes Telles. **Caderno Seminal Digital**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 21, p. 93-115, jun. 2014. Semestral. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/cadernoseminal/article/viewFile/14485/10963>. Acesso em: 12 out. 2020.

LEITE, K.; OLIVEIRA, R. Amor entre Amoras: a Vivência Lésbica nos Contos de Natalia Borges Polesso. **Revista Trama**, Marechal Cândido Rondon, v. 15, n. 34, p. 101-109, 2019.

RODRIGUES, Adriana Mattoso. **Silêncios e gritos, corpos e sexualidade**: filhas e mães representando a repressão sexual em o espartilho, verão no aquário e as meninas de lygia fagundes telles. 2011. 78 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9055/1/2011\\_%20Adriana%20Mattoso%20Rodrigues.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9055/1/2011_%20Adriana%20Mattoso%20Rodrigues.pdf). Acesso em: 12 out. 2020.

SILVA, Deurilene Souza de. **O indivíduo e as convenções coletivas em As Meninas**. 2008. 102 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2008. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/71380555.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis (RJ): Vozes, 2000. p. 73-102.

TELLES, Lygia Fagundes. **As meninas**. São Paulo: Companhia das Letras: 2009.

Recebido em: 29.06.2021

Aprovado em: 21.02.2022